

**O USO DE RÓTULOS EM LIVROS DIDÁTICOS
DE HISTÓRIA DO BRASIL EM DIFERENTES ÉPOCAS**

Gabrieli Pereira Bezerra (UFRJ)

gamari@ig.com.br

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende identificar e analisar sintagmas nominais não específicos que para terem seus significados explicitados remetem ao contexto. Esses SNs¹⁰ são chamados por Francis (1994) de *rótulos*. Interessa-nos, neste artigo, analisar os modificadores e os determinantes que acompanham o nome-núcleo do rótulo para a construção do sentido. Utilizamos para esta análise um *corpus* constituído de livros didáticos de História do Brasil publicados em diferentes épocas.

1. Fundamentação teórica

1.1. Rotulação

O uso de SNs não específicos é uma das estratégias de referenciação que Francis (1994) nomeia como rotulação. Entende-se por rótulo o SN não específico que requer uma realização lexical no seu contexto, ou seja, é um elemento nominal que precisa ser especificado no discurso. Esse traço distintivo dos rótulos faz com que funcionem como anafóricos e/ou catafóricos, aproximando-se dos pronomes.

A característica acima é utilizada como critério para a identificação de rótulos, assim, segundo Francis (1994, p. 98), o rótulo deve apresentar-se como equivalente a uma sequência discursiva, e não como repetição ou sinônimo de um elemento antecedente, pois sua característica básica é o fato de o rótulo ser inerentemente inespecífico. Vejamos alguns exemplos:

¹⁰ A partir de agora, utilizaremos SNs por sintagmas nominais.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

(1) Aos poucos, aconteciam mudanças extraordinárias na economia e na sociedade brasileira. Durante três séculos, a economia foi baseada no trabalho escravo. No final do século XIX, os escravos foram substituídos por trabalhadores livres.

Essa mudança teve também uma formidável consequência. Raciocine. Qual é o tipo de sociedade onde a maioria das pessoas é livre, vive de salários e trabalha para uma empresa particular (uma fazenda, um banco, uma loja etc.)? Exatamente: a sociedade capitalista. (SCHMIDT, 2003b, p. 290)

(2) Naturalmente, o colonato não era nenhum paraíso. O dono da terra enriquecia sem fazer muita força e o trabalho dos imigrantes era duro. Houve protestos contra a falta de pagamento. Mas numa época em que havia expansão econômica, *esse sistema* foi atraente para os estrangeiros que tentavam uma vida melhor no Brasil. (SCHMIDT, 2003b, p. 288)

Os rótulos nos exemplos acima remetem a outras partes do contexto para terem seus significados compreendidos. Enquanto no exemplo (1), o rótulo *uma formidável consequência* possui um nome-núcleo – consequência – o qual se refere à questão exposta nos segmentos subsequentes – uma catáfora, portanto –, no exemplo (2) o rótulo – *esse sistema* – tem seu sentido explicitado na oração precedente, exercendo a função de anáfora.

Além da capacidade intrínseca, apresentada pelos exemplos acima, de referir ao que foi dito e/ou ao que será dito, os rótulos apresentam outras funções importantes na organização textual.

Uma delas é a de mudar ou ligar os tópicos e contribuir, também, na preservação da continuidade textual ao introduzir as informações novas dentro das velhas. Koch (2003) também acrescenta que os rótulos desempenham ainda uma função cognitivo-discursiva relevante, porque ao remeter à informação-suporte, resumizam-na apresentando sua função predicativa.

Koch (2003) trata da questão dos rótulos, como uma das estratégias de referência, quando se empregam expressões nominais definidas. Nesse grupo, a autora destaca as nominalizações e as rotulações metadiscursivas ou metalinguísticas.¹¹ As nominalizações são

¹¹ Em trabalhos posteriores, Koch (2003, 2008) reformula a proposta, acima apresentada, de categorização dos rótulos. Em um primeiro momento, Koch (2003a) propõe uma subdivisão em dois grupos: os nomes gerais e os nomes metalinguísticos. Mais tarde, a autora altera a nomenclatura desses dois grupos. Agora, temos: os que categorizam o “conteúdo” e os que ope-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

subdivididas em: nomes abstratos de ação e os nomes genéricos, como: *coisa, problema, negócio e razão*.

Na categoria dos nomes abstratos de ação, inserem-se nomes cognatos de verbos, que indicam resultado de uma ação, sem serem, entretanto, caracteristicamente metalinguísticos, tais como: *modificação, decisão e movimentação*.

No caso das rotulações metadiscursivas ou metalinguísticas, Koch adota a classificação semântica proposta por Francis (1994). Dentro dessa categoria, há quatro subitens: nomes ilocucionários, nomes de atividades linguageiras, nomes de processo mental e nomes de texto.

Quanto à configuração, segundo Koch (2003), as rotulações enquanto expressões referenciais definidas podem ser assim constituídas:

- ❖ Determinante + Nome
- ❖ Determinante + (Modificador) + Nome+ (Modificador)

Podemos acrescentar uma terceira possibilidade às estruturas acima, já observada em Bezerra(2004), em que o nome-núcleo aparece sem determinante, conforme podemos observar no esquema abaixo:

- ❖ Nome

A escolha dos determinantes e dos modificadores é importante também, porque acrescenta significados ao nome-núcleo. Podem funcionar como determinantes: artigos, pronomes e numerais e como modificadores: o adjetivo, o sintagma preposicionado e a oração relativa.

É interessante acrescentar que o uso de rótulos, segundo Francis(1994), é um recurso de coesão lexical muito comum em textos escritos de natureza argumentativa.

ram metadiscursivamente. Teríamos, segundo a autora (2008, p. 64), "...rótulos que recaem sobre o *dito* e rótulos que recaem sobre o *modus* de enunciados..."

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

2. Análise dos rótulos

2.1. Direcionamento

A questão do direcionamento dos rótulos é apenas um ângulo desse assunto rico e complexo, pois o emprego de rótulos retrospectivos e/ou prospectivos envolve mais questões do que a mera oposição catáfora e anáfora.

Na tabela abaixo, podemos observar como os rótulos analisados se distribuem no *corpus* até agora examinado, quanto ao direcionamento: anáfora e catáfora. Das três coleções adotadas há uma maior incidência de dados em Schmidt (2003a, 2003b).

| | Aplicação/ Total | % |
|----------------|------------------|-----|
| Borges Hermida | 6/6 | 100 |
| Assis Silva | 3/3 | 100 |
| Schmidt | 26/54 | 48 |

Tabela 1: Incidência de rótulos anafóricos nos autores analisados
Observemos no exemplo (3) um rótulo anafórico:

(3) ...para os cafeicultores, a escravidão não interessava mais. Era preciso substituir definitivamente o negro pelo branco imigrante.

Para isso era necessário que o governo financiasse a imigração. E para pressionar o governo e solucionar *o seu problema*, a aristocracia cafeeira aderiu à campanha abolicionista e, sem dúvida, sua ação foi importantíssima para a abolição dos escravos. (ASSIS SILVA, 1982, p. 34)

O rótulo *o seu problema* tem seu sentido explicitado nas orações anteriores, isto é, remete a uma porção anterior do texto para que possa ser compreendido. Devido a essa característica do rótulo, ele pode funcionar como anáfora. Ao exercer o papel de anáfora, como já dissemos, será um rótulo retrospectivo e ao ser catafórico será um rótulo prospectivo, já que o rótulo precede a sua lexicalização. Veja-se o exemplo(4):

(4) *Outra questão interessante*: os brasileiros atuais são preguiçosos? Infelizmente, existe brasileiro que acha que sim. (SCHMIDT, 2003a, p. 207)

O uso do rótulo *outra questão interessante* pretende estabelecer certa curiosidade no leitor e, além disso, o pronome indefinido que acompanha o nome-núcleo do rótulo nos permite saber que será adicionado mais um ponto ao conteúdo que está sendo desenvolvido.

Francis (1994) aponta uma característica que diferencia os

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

rótulos retrospectivos dos rótulos prospectivos. Para a autora, os rótulos retrospectivos operam encapsulamentos de porções textuais precedentes, apresentando-as como equivalentes a objeto do discurso, nomeando-as pela primeira vez, ou seja, indicam ao leitor exatamente a sequência do discurso que deve ser interpretada, como pudemos observar no exemplo (3) acima.

2.2. Configuração do rótulo

O rótulo pode ser constituído somente do nome-núcleo ou ser precedido de determinante e/ou modificador, como observamos nos exemplos citados anteriormente. Abaixo, observamos o rótulo constituído somente do nome-núcleo.

(5) Tudo isso nos revela que *ideias* como “os negros se submetiam com mais facilidade que os índios” e “os negros sempre foram mais passivos, aceitando humildemente sua situação” não passam de um preconceito idiota (e será que existe algum preconceito que não seja idiota?). (SCHMIDT, 2003a, p. 208)

Pode também ser acompanhado de modificadores, os quais podem ser adjetivos, sintagmas preposicionadas ou orações relativas.

(6) A escravidão estimulou *pensamentos racistas*. Os brancos olhavam para a situação dos escravos e chegavam a *uma conclusão absurda*: “Eles foram escravizados porque são seres humanos inferiores aos europeus”. Daí foi um passo para acreditarem que negros e índios faziam parte de uma raça inferior que merecia ser dominada pelos brancos. *Essa ideia falsa* se espalhou no século XIX, e até hoje, na entrada do século XXI, ainda tem gente que acredita nela. (SCHMIDT, 2003a, p. 214)

O uso de modificadores tem um papel relevante, já que o rótulo não pode ser considerado apenas a partir do seu nome-núcleo, mas sim por todos os elementos que o constituem, ou seja, o SN como um todo. O adjetivo adiciona significados ao nome-núcleo, nesses casos atribuindo um caráter avaliativo – positivo/negativo.

Lapa (1970, p. 107) nos assinala a necessidade de termos cuidado com o uso dos adjetivos, já que alguns adjetivos não acrescentam conteúdos por serem um “caracterizador banal que serve para tudo”.

O exemplo abaixo ratifica o comentário de Lapa ao ter como modificador o adjetivo *interessante*, que, apesar de associado ao no-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

me-núcleo, não acrescenta informações significativas a ele. Segundo o autor, é um adjetivo a evitar. Por que será que Schmidt (2003b) usou, então, esse recurso? Precisamos ter em mente o propósito do *corpus* sob análise – ensinar – e o público alvo – alunos do ensino fundamental – que são leitores em formação, para compreendermos a razão de o autor tê-lo utilizado, ou seja, o autor do texto se preocupou em utilizar uma linguagem que chamasse a atenção do seu público leitor a fim de tentar garantir a compreensão do seu texto.

(7) *Uma pergunta interessante:* por que os brasileiros nordestinos não foram utilizados nas fazendas de café do Sudeste? (SCHMIDT, 2003b, p. 287)

Na tabela abaixo, observamos a distribuição dos modificadores pelos autores. Em Borges Hermida (1961), no *corpus* analisado, até o momento, não há ocorrência de nenhum modificador. Já em Assis Silva (1982), identificamos uma ocorrência. Enquanto em Schmidt (2003a, 2003b) dos cinquenta e quatro rótulos analisados, vinte e um apresentam um modificador.

| | Borges Hermida | Assis Silva | Schmidt | Total |
|-------------|----------------|-------------|----------|-------|
| Zero | 6=100% | 2=66.6% | 33=61.1% | 41 |
| Modificador | 0=0% | 1=33.3% | 21=38.8% | 22 |
| Total | 6 | 3 | 54 | 63 |

Tabela 2: Correlação entre o uso dos modificadores e os autores

O rótulo também pode ter seu nome-núcleo acompanhado de determinantes que, tais como os modificadores, adicionam informações ao nome-núcleo do rótulo. Assim temos em nosso *corpus*:

a) artigo definido e indefinido (um, uma, a, o, as, os)

(8) Agora veja só *a situação*: o liberto não era mais um escravo, mas dava um duro danado sem reclamar porque sonhava em conquistar a liberdade definitiva. (SCHMIDT, 2003a, p. 213)

(9) Perceba *um aspecto importante*: os italianos e os alemães que foram para o Sul tiveram o privilégio de ir para a única região onde ocorreu distribuição de terras. (SCHMIDT, 2003b, p. 286)

b) pronome adjetivo demonstrativo(essa, essas, esse, esta)

(10) Já no fim da Guerra do Paraguai D. Pedro II encarregou Antônio Pimenta Bueno, Marquês de São Vicente, da redação de vários projetos abolicionistas que, entretanto, não foram aprovados.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

Em 1871, quando estava no poder o gabinete conservador do Visconde do Rio Branco, José Maria da Silva Paranhos, o governo cogitou da libertação dos filhos de escravos. Com *esse propósito* redigiu-se um projeto de lei que no Parlamento foi vigorosamente combatido pelos partidários da escravidão. (BORGES HERMIDA, 1961, p. 217)

(11) Pelo Bill Aberdeen, a Marinha inglesa passava a ter o direito de aprisionar qualquer navio negreiro. Os traficantes perderiam navios, as cargas e seriam julgados na Inglaterra.

O que os ingleses pretendiam, com *esta luta*, era transformar os negros escravos em assalariados. (ASSIS SILVA, 1982, p. 33)

(12) A escravidão estimulou pensamentos racistas. Os brancos olhavam para a situação dos escravos e chegavam a uma conclusão absurda: “Eles foram escravizados porque são seres humanos inferiores aos europeus”. Daí foi um passo para acreditarem que negros e índios faziam parte de uma raça inferior que merecia ser dominada pelos brancos. *Essa ideia falsa* se espalhou no século XIX, e até hoje, na entrada do século XXI, ainda tem gente que acredita nela. (SCHMIDT, 2003a, p. 214)

Observe nos exemplos (8) e (9) que o artigo tende a aparecer nos catafóricos, em início de parágrafo. Por outro lado, em (10), (11) e (12), os rótulos empregados introduzem o fecho do parágrafo em que estão inseridos, o que favorece, segundo Apothéloz e Chanet (2003), a ocorrência do demonstrativo em oposição ao definido em rotulações anafóricas. É comum, segundo os autores, a presença de determinante demonstrativo balizando as fronteiras de parágrafos, tornando-se um recurso importante para tornar o discurso saliente para o leitor do texto, destacando o papel organizador do rótulo.

c) pronome adjetivo indefinido (alguma, outra)

(13) *Outra pergunta*: por que hoje em dia não existe mais escravidão? Acabaram a maldade e o desrespeito à vida humana? Ou será que a situação econômica e social do mundo de hoje e a consciência dos trabalhadores são bem diferentes das daquela época? A escravidão poderia voltar a existir? Será que hoje não há novas formas de escravidão? (SCHMIDT, 2003a, p. 213)

(14) Para começar, era muito comum o latifundiário ceder um pedacinho de terra par os escravos. Nos poucos momentos de descanso (por exemplo, no domingo, um dia em que a igreja exigia que os escravos tivessem folga), os escravos e suas famílias podiam usar aquela terrinha para plantar *alguma coisa* (milho, feijão mamão, abóbora, mandioca) e criar animais (porcos, galinhas, cabras). (SCHMIDT, p. 2003a, p. 215)

d) pronome adjetivo possessivo (seu)

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

(15) ...para os cafeicultores, a escravidão não interessava mais. Era preciso substituir definitivamente o negro pelo branco imigrante.

Para isso era necessário que o governo financiasse a imigração. E para pressionar o governo e solucionar *o seu problema*, a aristocracia cafeeira aderiu à campanha abolicionista e, sem dúvida, sua ação foi importantíssima para a abolição dos escravos. (ASSIS SILVA, 1982, p. 34)

Assim como os demais determinantes, o pronome possessivo também acrescenta informações ao nome-núcleo do rótulo. Nesse exemplo, o determinante aponta a quem pertence o problema, isto é, poderia ser substituído por *dos cafeicultores*.

e) numeral (primeiro, dois) (cardinal, ordinal)

(16) Nós já sabemos que o capitalismo não está “no sangue das pessoas”. Ninguém nasce com “instintos capitalistas”. Não existe uma natureza capitalista”. O capitalismo nem sempre existiu. Nem sempre foi possível haver uma economia capitalista. No Brasil, as condições para o desenvolvimento de uma economia capitalista só começaram a surgir no final do século XIX.

Um dos requisitos básicos para a existência do capitalismo é a separação entre a força de trabalho e os meios de produção. Ou seja, o capitalismo só é possível quando existe uma multidão de trabalhadores que não podem viver por conta própria, nem como camponeses, nem como artesãos, nem como pequenos negociantes. Precisam trabalhar para o dono dos meios de produção (o proprietário das fábricas, das terras, das empresas em geral).

Os dois parágrafos acima servem para você pensar na seguinte questão: quem garantia que os imigrantes que chegavam ao Brasil trabalhariam para os fazendeiros de café? (SCHMIDT, 2003b, p. 291)

O uso de numerais, como no exemplo (16), contribui para a organização textual, já que serve para apontar ao leitor com exatidão onde deve procurar as informações necessárias para a sua compreensão do rótulo.

Na tabela abaixo, observamos a distribuição dos determinantes no *corpus* utilizado para esta pesquisa. Vale ressaltar a preferência dos produtores dos textos em utilizar o demonstrativo nas rotulações anafóricas, inclusive dentre os rótulos com mais de um determinante, destacamos a existência de um rótulo anafórico acompanhado de demonstrativo. Tomando-se o anafórico como aplicação da regra, obtém-se o seguinte resultado:

| | Aplicação/Total | % |
|--|-----------------|---|
|--|-----------------|---|

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

| | | |
|------------|-------|-----------|
| Zero | 1/5 | 16 |
| Indef. | 4/19 | 21 |
| Definido | 7/14 | 50 |
| Demonst. | 19/20 | 95 |
| Mais de um | 4/4 | 100 |
| Total | 35/63 | 55 |

Tabela 3: Correlação entre os rótulos anafóricos e os determinantes

3. Observações finais

As rotulações, identificadas neste *corpus* em estudo, foram analisadas quanto ao direcionamento: anáfora e catáfora, confirmando o seu caráter intrínseco de remeter a outras porções textuais. Em relação ao aspecto formal, verificamos a constituição do rótulo: modificadores e determinantes.

Quanto aos modificadores, destacamos a sua importância na avaliação dos segmentos em que aparecem inseridos. Além disso, pode-se perceber que este é um recurso muito utilizado por Schmidt (2003a, 2003b), principalmente nas rotulações catafóricas. No entanto é interessante destacar a escolha dos adjetivos a serem empregados, pois estes, embora direcionem o leitor do texto, não acrescentam tanto significado ao conteúdo do texto, como poderiam fazê-lo (Cf. LAPA, 1970).

Mostrou-se também relevante, no *corpus* em estudo, o uso do demonstrativo em oposição ao definido nas rotulações anafóricas, corroborando Conte (2003), Castilho (1993), Apothéloz & Chanet (2003) e Paredes Silva & Martins (2008) que assinalam a preferência pelo uso do demonstrativo nas anáforas pelo fato deste dar relevância ao trecho em que se insere.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APOTHELOZ, D. & CHANET, C. Definido e demonstrativo nas nomeações. In: CAVALCANTE, M.; BIASI-RODRIGUES, B; CIULLA, A. (Org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 131-76.
- ASSIS SILVA, Francisco de. *História do Brasil: Império e República*. São Paulo: Moderna, 1982.
- BEZERRA, Gabrieli Pereira. *A coesão lexical através de SNs em cartas pessoais*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.
- BORGES HERMIDA, Antônio José. *História do Brasil: para a quarta série ginásial*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1961.
- CASTILHO, A. T. Os mostrativos no português falado. In: CASTILHO, A. T. (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Unicamp; São Paulo: FAPESP, 1993. p. 119-147.
- CONTE, M. Encapsulamento anafórico. In: CAVALCANTE, M. , RODRIGUES, B & CIULLA, A (Org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 177-190.
- FRANCIS, Gill. Labelling discourse: an aspect of nominal-group lexical cohesion. In: COULTHARD, Malcolm. *Advances in Written text analysis*. London: Routledge, 1994. p. 83-101.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Rotulação: uma estratégia textual de construção do sentido. In: _____. *As tramas do texto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 61-72.
- _____. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2003.
- _____. A referenciação textual como estratégia cognitivo-interacional. In: *Produção textual: interação, processamento, variação*. Natal: UFRN, 1999. p. 68-80.
- _____. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1998.
- LAPA, M. R. *Estilística da língua portuguesa*. Porto Alegre: Acadêmica, 1970.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

_____ & MARTINS, A. P. M. O uso de SN's definidos vs. demonstrativos como rótulos em entrevistas jornalísticas. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística (UFRJ)*, v.4, p. 39-58, 2008.

SCHMIDT, Mario Furley. *Nova história crítica*. São Paulo: Nova Geração, 2003a, v. 2.

_____. *Nova história crítica*. São Paulo: Nova Geração, 2003b. v. 3.